



# A TEORIA DA VONTADE DE PODER ENQUANTO CARÁTER DA EXISTÊNCIA<sup>1</sup>

Eder David de Freitas Melo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Não apenas uma vez Nietzsche escreve que o mundo, junto com tudo que nele há, é tão somente vontade de poder. Por meio dessa teoria ele pensa os diversos níveis da existência, indo desde elementos ínfimos e simples até estruturas complexas, com elevado grau de refinamento. Tudo não passa, segundo esse filósofo, do desenrolar de forças em jogo agonístico por um algo a mais de poder. Neste artigo nós analisamos alguns aspectos da teoria da vontade de poder para mostrar como Nietzsche faz uso de um mesmo arranjo conceitual para qualificar toda a existência. Assim, tanto o microscópico quanto o macroscópico, tanto o orgânico quanto o inorgânico, são tomados como exemplos de entes que, não obstante, suas diferenças são todas vontades de poder.

**Palavras-chave:** vontade de poder; forças; existência; Nietzsche.

**ABSTRACT:** Nietzsche writes not only once that the world, along with everything that is in it, is simply will to power. Through this theory he reasons about the several levels of existence, ranging from tiny and simple elements to complex structures, with high degree of refinement. According to this philosopher, everything is just the unroll of forces in an agonistic play for a plus power. On this paper we analyze some aspects of will to power

<sup>1</sup> O presente texto é parte da minha dissertação defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia da UFG, com o título “Noções de vida na filosofia de juventude e maturidade de Nietzsche”. Para publicação como artigo, algumas alterações foram realizadas no texto original. Aproveito para expressar minha estima e gratidão a minha orientadora Adriana Delbó. Também agradeço aos professores Adriano Correia e Jorge Viesenteiner pelas valiosas sugestões oferecidas durante a defesa.

<sup>2</sup> Mestre e graduando em filosofia pela Faculdade de Filosofia da UFG.  
Email: ederdavid23@yahoo.com.br

theory to show how Nietzsche uses the same conceptual arrangement to qualify all the existence. Thus, both the microscopic and the macroscopic, both the organic and the inorganic, are taken as examples of beings who, notwithstanding their differences, are all will to power.

**Key words:** will to power; forces; existence; Nietzsche.

“O combate é de todas as coisas pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres.” (HERÁCLITO, 1978, p. 84 [§53])

### Sobre a Vontade de Poder

A questão do valor da existência é algo de sumo importância na filosofia nietzscheana. Tanto no prefácio de 1886 a *O nascimento da tragédia*, quanto no *Ecce homo*, a propósito de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche reitera isso (Cf. NIETZSCHE, 2007, p. 11-21; 2008a, p. 59-63). E ao perguntar pelo valor da existência, outra questão se aventa, qual seja: o que é a existência?

Nietzsche utiliza um certo tipo de estrutura conceitual para se deslocar entre os diversos níveis da existência e explicá-la como um todo. Para isso, nos escritos de maturidade ele formula a teoria das forças e da vontade de poder. No fragmento póstumo 7 (54) do final de 1886/primavera de 1887 lemos o seguinte: “Considerar *tudo o que a vida* mostra como forma reduzida da tendência geral: por isso uma nova fixação do conceito ‘vida’ como vontade de poder” (NIETZSCHE, 2002, p. 95). Há uma “tendência geral” que extrapola a vida em magnitude. A vida não abrange toda a existência, ela é apenas uma parte que está para o todo segundo o mesmo caráter: vontade de poder. A natureza da parte é a mesma natureza do todo. Se o mundo é vontade de poder, cada fragmento seu igualmente o é. Ou seja, Nietzsche homogeneiza a realidade segundo uma mesma qualidade intrínseca perceptível nos viventes.

\*\*\*

Vontade de poder não é um impulso gerado por uma ausência. Não é por causa da ausência de poder que se deseja poder. Nietzsche defende que o poder intrinsecamente deseja mais poder. É próprio de sua natureza, e não lhe é possível ser diferente, querer expandir sua força: “cada poder tira, a cada instante, suas últimas consequências” (NIETZSCHE, 2005a, p. 27)<sup>3</sup>. Ou seja, ele é um afeto de comando, um agir que não prescinde de sua fortaleza. Por seu turno, se a vontade fosse um desejo gerado pela falta, suprida a falta, satisfeita a vontade, findar-se-ia ela. No entanto, isto não ocorre, visto ser a vontade um afeto de comando, o qual a cada instante busca acrescentar um algo a mais de poder a si mesmo. Nesse sentido, vontade não é nada mais do que vontade de poder.<sup>4</sup>

Os entes são formas ou efeitos de forças que possuem como caráter intrínseco a vontade de poder e que não se identificam a uma realidade primeira e original, a qual condicionaria a existência dos entes (Cf. NIETZSCHE, 2008b, p. 487)<sup>5</sup>. Com isso, se estabelece uma visão de mundo de base energética (força) e relacional. Se há uma unidade mínima, esta não é material (átomo), nem é o *um* como unidade ontológica fundamental,<sup>6</sup> mas apenas *um quantum* de poder que uma força possui como qualidade relacional, não como unidade em si.<sup>7</sup> Apenas na relação com outras forças é que esse *quantum* é determinado, na medida em que uma força sobressai à outra em determinada *quantidade* de poder. Força é tão somente força em relação com ao menos outra força, sem a qual não é possível àquela efetivar-se e resistir, caracterizando com isso seu *quantum* de poder (Cf.

3 JGB/BM §22. Para facilitar a localização das citações dos textos de Nietzsche, quando oportuno, mencionaremos em nota de rodapé a abreviação usual da obra seguido do número do aforismo, como é costume entre os especialistas.

4 Nesse ínterim Nietzsche escreve no aforismo 36 de *Além do bem e do mal*: “uma forma básica da vontade — a vontade de poder, como é *minha tese* —” (2005a, p. 40). Ainda sobre isso, lemos o seguinte em Aydin: “‘Will’ and ‘power’ presuppose and imply each other. ‘Will to power’ is one word.” (2007, p. 28).

5 NF/FP 36 (31) junho-julho de 1885.

6 Lembramos aqui brevemente o pensamento Pitagórico que tem os números (matemática, geometria) como *arché* da *physis*; ou seja, onde o cosmos é concebido como um todo ordenado segundo proporções numéricas, onde os números são parte constitutiva da natureza, são seu fundamento.

7 O termo latino *quantum* significa quanto, tanto, quantidade. Na física, é utilizado para designar a menor quantidade determinada possível de se aferir de uma grandeza. Nietzsche também faz uso do termo *quanta*, plural de *quantum*.

NIETZSCHE, 1988, vol. XIII, p. 257-259)<sup>8</sup>. Parece ser possível pensar uma unidade material, como por exemplo, um átomo, isoladamente; contudo, no contexto da teoria da vontade de poder, não é possível pensar uma força isoladamente, pois ela não está desvinculada de seu agir, do seu exercer poder. Há que ter necessariamente ao menos outra força para que uma exerça sobre a outra seu *quantum* de poder.

Com a teoria da vontade de poder, não há unidade originária da qual o mundo decorra, não há uma unidade metafisicamente fundada. Há que se precaver de substancializar a vontade de poder como o Um ou sujeito da efetividade (MÜLLER-LAUTER, 1997). O mundo, com toda multiplicidade que nele há, só existe enquanto relação de forças que emanam um forte desejo por mais poder. Isso não significa que a relação entre vontades de poder seja um elemento primeiro ou então adicional às forças, mas antes, é algo constitutivo delas, seu mundo interior [innere Welt] (NIETZSCHE, 1988, vol. XI, p. 563)<sup>9</sup>.

As coisas só são o que são em virtude das relações existentes entre as forças (Cf. NIETZSCHE, 2008b, p. 153).<sup>10</sup> Uma força, que não pode senão dar vazão a seu poder encontra necessariamente outras forças pelo caminho. Entre elas, a quantidade interna de poder torna-se sinônimo de sua qualidade, pois é por meio de quantos *quanta* de poder que uma força excede a outra, que aquela domina esta. Assim, estabelece-se entre elas uma relação de mando e obediência com uma conformação característica, a qual é justamente a forma de algo. Se, por algum motivo, essa proporção entre as forças se altera, visto ser ela um movimento dinâmico, o efeito muda.

Da mesma forma que o claro existe por oposição ao escuro e as cores como oposição aos tons de cinza, a existência e a qualidade de uma força se dá enquanto relação com outras forças. Não é possível determinar a essência de uma força isolada, uma força não é algo que coincide consigo mesmo, mas apenas em relação com outras forças torna-se possível determinar seu caráter. E entre forças, no entender de Nietzsche, o que há é uma busca constante por um algo a mais de poder. Nietzsche não reconhece a matéria como fundamento da existência, ele pensa em uma matriz energética de forças que a todo o momento se relacionam e não são condicionadas por um

8 NF/FP 14 (79) primavera de 1888. Cf. AYDIN, 2007, p. 26.

9 NF/FP 36 (31) junho-julho de 1885.

10 NF/FP 26 (136) verão-outono 1884. Cf. AYDIN, op. cit., loc. cit.

princípio metafísico. O átomo não é para ele uma partícula fundamental, mas apenas o desdobramento de ondas de forças, que vão desde o mais simples até o mais complexo. Forças que não são nada mais do que vontade voltada para o poder.

De tudo isso, entendemos que a

qualidade [vontade de poder] não existe como algo subsistente por si, não como sujeito ou quase-sujeito, também não como o Um, cujas “produções” são as complexas formações de duração relativa [...]. Antes ao contrário, a única qualidade já é sempre dada em tais quantitativas particularizações, senão ela não poderia ser *essa* qualidade. Toda vontade de poder é, com efeito, dependente de sua oposição a outras vontades de poder, para poder ser vontade *de poder*. (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 84).

O *quantum* de poder que uma força busca acrescentar a si expandindo sua potência é alcançado quando ela consegue sobrepujar uma outra força. A luta entre forças é característica da existência, o aspecto agonístico é algo geral. Há sempre vencedores e derrotados. No entanto, cabe observar que os derrotados não deixam de emanar sua vontade de poder por terem sido sobrepujados, haja vista que o combate não possui termo, e que o domínio, o poder de mando, não visa o extermínio do outro, mas a sua incorporação. Dominar envolve o contrapeso da força do dominado, pois este continua exercendo sua vontade de mando mesmo estando sob o poder de um mais forte (Cf. NIETZSCHE, 2008b, p. 185)<sup>11</sup>. Há uma luta entre eles,

pressupondo-se que se entenda essa palavra de modo tão amplo e profundo a ponto de entender a relação do dominador com o dominado ainda como um combate, e ainda como uma resistência a relação daquele que obedece com quem manda (NIETZSCHE, 2008b, p. 568)<sup>12</sup>.

---

11 NF/FP 26 (276) verão-outono de 1884.

12 NF/FP 44 (55) agosto-setembro de 1885.

Se para que uma força se expresse é necessária outra que a contraponha, a existência do subordinado e do subordinador se condicionam mutuamente. Sem aquele, este não é capaz de aumentar seu domínio, ou, em outras palavras, acrescentar um algo a mais de poder a si mesmo. Nesse sentido, “o dominante também deve fazer tudo que sirva para a sobrevivência e a manutenção dos subordinados, sendo ele próprio com isso *condicionado* pela existência deles” (NIETZSCHE, 2008b, p. 400)<sup>13</sup>.

O combate entre forças não tem como objetivo o fim do mesmo, não se procura cessar a disputa com a dominação. Como força só é força na medida em que rivaliza com outra, buscando arduamente predominar sobre esta, uma força subjugada não perde seu caráter ativo; por ter sido sobrepujada ela não se torna passiva. Mesmo em cada ato de obediência, há em seu interior um afeto de comando (Cf. NIETZSCHE, 1983, p. 127)<sup>14</sup>. A força sobrepujada, igual à dominante, busca expandir seu poder e fazer subordinados. Por isso, entre dominador e dominado a relação é belicosa. O dominador deve constantemente exercer seu poder sobre o dominado para não perder seu posto, e o vassalo da mesma maneira resiste continuamente buscando sobrepujar seu senhor. Nesse sentido Nietzsche pondera: “Até que ponto há uma resistência na obediência? Não se abdica aí nem um pouco ao poder pessoal. Do mesmo modo, no comando há um reconhecimento de que o poder absoluto do adversário não foi derrotado” (NIETZSCHE, 2008b, p. 485)<sup>15</sup>.

Assim, “a natureza se apresenta como uma porção de relações de forças” (NIETZSCHE, 2008b, p. 129)<sup>16</sup>, a razão e o caráter de toda alteração é dado pela vontade de poder (Cf. NIETZSCHE, 2005b, p. 283)<sup>17</sup>. Não há mudança que não seja vontade de poder agindo.

A relação entre vontades de poder é algo dinâmico, visto seu caráter eminentemente agonístico. No embate entre vontades de poder, formam-se centros de força, os quais são o limite entre uma força e outra, a direção resultante do enfrentamento e do “esforço para a manutenção das condições que permitem um crescimento contínuo de potência” (FREZZATTI Jr. 2004, p. 132). Deslocando-se o centro de força, altera-se algo.

13 NF/FP 34 (123) abril-junho de 1885.

14 Za/ZA, Segunda parte, Do superar si mesmo.

15 NF/FP 36 (22) junho-julho de 1885.

16 NF/FP 26 (38) verão-outono 1884.

17 NF/FP 14 (123) primavera de 1888.

## Do orgânico e do inorgânico

“No animal é possível derivar da vontade de poder todos os seus instintos: assim também todas as funções da vida orgânica a partir dessa única fonte” (NIETZSCHE, 2008b, p. 487)<sup>18</sup>. Como qualidade fundamental da vida orgânica, a vontade de poder está presente desde a mais ínfima célula até estruturas complexas como o corpo humano. Funções básicas de um organismo como alimentação, autorregulação, reprodução e autoconservação, são todas derivações, efeitos de segunda ordem quando comparados à vontade de poder. O que toda parte de um organismo quer é um algo a mais de poder (NIETZSCHE, 2005c). A autoconservação da vida é apenas uma frequente e indireta consequência da vontade direcionada ao poder (Cf. NIETZSCHE, 2005a, p. 19)<sup>19</sup>. Também o sacrifício pode ser ocasião de uma vazão de forças.

Graças às relações entre vontades de poder, células se unem formando um tecido. Para que um tecido ou órgão exista, é necessário uma força maior que as vontades individuais das células capaz de, por seu *quantum* de poder excedente, mantê-las unidas e operando em um mesmo sentido. Por si mesmas, as células não buscam a permanência do órgão, elas só o fazem se regidas por uma força capaz de subjugar-las ou coordená-las. Outrossim, a desagregação de um organismo, um órgão ou um tecido é provocado pela desagregação entre as vontades de poder. Sem uma vontade forte o suficiente para mantê-las unidas, cada força se impõe buscando seu próprio *plus* de poder, traçando seu próprio caminho sem coordenação com as outras forças. Uma vontade de poder forte é capaz de direcionar as aquisições de poder individuais a seu proveito, mantendo assim um organismo agregado. Sem esse tipo de vontade, o organismo decai. A morfologia de um órgão é condicionada pela configuração das vontades de poder nele atuantes. Se ela muda, significa que seu centro de força se alterou. “A instantaneidade absoluta da vontade de poder é o que rege; no homem (e já na célula), essa constatação é um *processo*, que se *desloca* constantemente com o crescimento de todos os participantes” (NIETZSCHE, 2005b, p. 214 [grifo nosso])<sup>20</sup>.

18 NF/FP 36 (31) junho-julho de 1885.

19 JGB/BM §13.

20 NF/FP 40 (55) agosto-setembro de 1885.

As vontades de poder não buscam formar organismos, mas aumentar seu domínio. Um organismo é apenas um caso específico de um conjunto de forças unidas por uma vontade de poder dominante. Lembremo-nos: a vida é um caso específico de uma generalidade. E a especificidade de um organismo “não é um atributo ou uma propriedade externa às forças ou aos impulsos: desenrola-se no próprio jogo agonístico de aumento de potência: dominar ou ser dominado ou agregar-se” (FREZZATTI Jr., 2004, p. 132).

Nesse aspecto, não é estranha a afirmação nietzscheana de que o homem é formado por inúmeros entes que lutam entre si por mais poder, sendo habilidades do corpo como consciência e percepção, resultados ou instrumentos da luta entre vontades de poder traduzida em instintos ou atributos.

No fio condutor do corpo reconhecemos o ser humano como uma multiplicidade de entes vivos, os quais em parte lutam entre si, em parte se coordenam e subordinam, e na afirmação de um ente individual também afirmam sem querer o todo. [...] A totalidade de todo ser humano [corpo] tem todas aquelas características do orgânico que, em parte, permanecem inconscientes e, em parte, se tornam conscientes na forma de *instintos* (NIETZSCHE, 2008b, p. 239)<sup>21</sup>.

Há aspectos de totalidade, unidade e diversidade nessa concepção de ser humano. A totalidade é o corpo, o qual opera como uma unidade de diversos entes que lutam entre si efetivando cada um, sua vontade de poder. Uns sobrepõem outros, tornando-se senhores; em outra parte ocorre coordenação de atividades, e nessa dinâmica o organismo permanece agregado enquanto for capaz de manter unida uma diversidade de entes vivos sempre em movimento, sempre deslocando seus centros de força. O corpo, simultaneamente, é uma unidade e uma multiplicidade: “unidade como organização de *quanta* de poder uns contra os outros e uns com os outros.” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 117).

Como um e múltiplo ao mesmo tempo, é possível dizer que o homem é *uma* vontade de poder, haja vista que “toda unidade organizada de *quanta*

---

21 NF/FP 27 (27) verão-outono de 1884.

de poder é uma vontade de poder” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 93). Da mesma forma, é igualmente possível enunciar que cada célula do corpo humano constitui-se numa vontade de poder, o que por si mesmo traz à mente o pensamento de ser o homem *uma comunidade* de vontades de poder. O corpo, como um, é também uma multiplicidades de uns, ou, caso se queira, de entes exalando vontade de poder. “O corpo ou a unidade orgânica nada mais é, para Nietzsche, do que um conjunto de impulsos. Sendo este conjunto bem hierarquizado [...] tornado uma ‘unidade’ pela potência e dominação de um (alguns) impulso(s)” (FREZZATTI Jr., 2004, p. 117-118).

Os entes que formam o corpo possuem uma espécie de sensibilidade do eu e do outro. Usamos essa expressão para designar as propriedades “psicológicas” primárias de todo e qualquer ente enunciadas por Nietzsche como sendo o querer, o sentir e o pensar (Cf. NIETZSCHE, 2008b, p. 553-554)<sup>22</sup>. Efetivamente estas formas do querer, sentir e pensar, são formas primitivas dessas mesmas características em uma análise que parte da totalidade do corpo humano como fio condutor. Elas derivam da vontade de poder como afeto básico, impulso de comando. Identificando uma célula a um ente — com sua vontade de poder dominante como qualidade última de caráter relacional — no contato com outras células ou substâncias como moléculas, ocorre um embate entre vontades de poder, formam-se centros de força, uma direção resultante se determina. Precisamente disso vem a sensibilidade do eu e do outro, o caráter relacional de toda força. O eu é um tipo de unidade que se identifica com uma vontade de poder como afeto de comando regente, a qual se direciona a um outro, a uma outra vontade de poder buscando dominá-la, colocá-la a seu serviço. Esse movimento é traduzido como um núcleo energético (forças, vontade de poder) em que o querer, sentir e pensar estão em amálgama: misturados e inseparáveis (NIETZSCHE, 2008b, p. 560-561)<sup>23</sup>. O querer seria o afeto de busca, de desejo por um outro, do servir-se do outro, ou seja, um afeto de comando; mas ele implica o sentir, perceber a presença do outro, e também o pensar, reconhecer, arquitetar meios para subjugar o outro.<sup>24</sup> Esta análise, de algo

22 NF/FP 40 (21) agosto-setembro de 1885. Cf. tb. NIETZSCHE, 2008b, p. 560-561 (NF/FP 40 (37) agosto-setembro de 1885).

23 NF/FP 40 (37) agosto-setembro de 1885.

24 Sobre esse mesmo tema, Müller-Lauter escreve da seguinte maneira: “Uma vontade

que em si não está separado, como uma “psicologia” da vontade de poder, é utilizada por Nietzsche como fundamento para pensar tudo o que existe, homogeneizando todo acontecimento na efetividade, alterando-se apenas o grau de refinamento entre uma estrutura e outra, seja ela orgânica ou inorgânica, material (célula/molécula) ou imaterial (forças).

A imponente constituição conjunta da vida mais múltipla, a ordenação e a hierarquização das atividades mais elevadas e mais baixas, [...] — todo esse fenômeno “corpo” [...]. O “aparelho dos nervos e do cérebro”, para produzir pensamentos, desejos, vontades, *não* está construído de modo tão fino e “divino”: antes me parece que para pensar, sentir, querer não é necessário nenhum “aparelho”, mas que isso, só isso, é “a própria coisa”. Muito mais, uma síntese tão imensa de entes vivos e intelectos que se chama “ser humano” (NIETZSCHE, 2008b, p. 498-499)<sup>25</sup>.

Querer, sentir, pensar é o próprio agir da vontade de poder, é “a própria coisa”. O corpo pensa, já que ele é uma síntese de interações de uma multiplicidade hierarquizada de forças, entes, intelectos, em movimento dinâmico por mais poder. Mente, consciência, pensamento, não são um outro, uma natureza outra, como denota a expressão “mente e corpo” ressoando um dualismo; mas antes, algo da mesma constituição e natureza do corpo, como uma atividade orgânica do corpo. E os órgãos do pensamento, “aparelho dos nervos e do cérebro”, não *produzem* pensamentos ou vontades, antes, são resultado e instrumentos do realmente atuante: vontades de poder, ou, em outras palavras, o querer-sentir-pensar dos impulsos. Expressão esta que Nietzsche sintetiza algumas vezes como intelecto. Um ente que compõe o corpo é um intelecto dentre os vários que se interagem no mesmo.

Essa “psicologia” da vontade de poder segue a mesma estrutura no nível macroscópico e no celular. Pensando no homem, seus instintos, pensamentos conscientes e inconscientes são apenas decorrências da vontade de poder, a

---

de poder procura, por exemplo, subjugar uma outra vontade de poder. À subjugação pertence um modo — a cada vez específico — de ‘conhecer’ aquilo que deve ser subjogado. Nenhuma vontade de poder é uma ‘vontade cega’.” (1997, p. 115).

25 NF/FP 37 (4) junho-julho de 1885.

qual é análoga em seu agir celular e no todo do corpo. Assim, os instintos humanos, por exemplo, seriam apenas *ações* mais refinadas e complexas, se comparadas com as das células, que, igualmente, se fundam na vontade de poder como o realmente atuante. Toda ação humana seria uma forma orgânica do querer-sentir-pensar hierarquizado com outros intelectos, de modo que não há uma unicidade da vontade, mas sim vontades em luta (Cf. NIETZSCHE, 2005a, p. 22-24)<sup>26</sup>.

Tal fenômeno não é exclusividade do domínio orgânico, o mesmo se segue no inorgânico. Nos escritos de maturidade notamos que Nietzsche diferencia claramente o orgânico do inorgânico, donde por essa distinção, compreende-se que o mundo não pode ser tomado como um organismo a autogerar-se, mas sim que o orgânico é um caso particular de tudo que existe.<sup>27</sup> E disso não se segue uma oposição quanto à essência entre o orgânico e o inorgânico, antes, aquele como parte deste, se dá segundo a mesma “tendência geral”: vontade de poder.

Apesar da maioria dos escritos que tratam da vontade de poder, sejam eles póstumos ou não, se referirem mais especificamente à vida ou à totalidade da efetividade — pensando a vida e a efetividade em sua generalidade —, há alguns escritos que remetem à conexão entre o orgânico e o inorgânico precisamente pelo fio condutor da vontade de poder. Assim, no fragmento póstumo 36 (20) de junho-julho de 1885 escreve Nietzsche: “Mesmo no reino do inorgânico entra em consideração para um átomo de energia apenas sua vizinhança: as forças a distância se compensam.” (2008b, p. 484). E logo em seguida, no fragmento 36 (22) de mesma data continua: “A conexão do orgânico e do inorgânico precisa residir na força de repulsão exercida por todo átomo de energia.” (2008b, p. 485).

Para interpretarmos esses dois fragmentos, pensemos primeiro que por “átomo de energia”, não está em questão o sentido atomista do termo, o

26 JGB/BM §19.

27 No livro III de *A gaia ciência*, §109, lemos o seguinte: “Guardemo-nos de pensar que o mundo é um ser vivo. Para onde iria ele expandir-se? De que se alimentaria? Como poderia crescer e multiplicar-se?” (p. 135). Já em seus textos de juventude, é possível encontrar elementos que apontam para uma concepção vitalista em que não há uma distinção clara entre orgânico e inorgânico, e onde o mundo é entendido como um organismo autossubsistente. A título de exemplo mencionamos o fragmento póstumo 5 (79) datado de setembro de 1870 a janeiro de 1871: “Die Welt [als] ein ungeheuer sich selbst gebärender Organismus” (NIETZSCHE, 1988, vol. 7, p. 111). Cf. tb. BENCHIMOL, 2002, p. 27-52.

qual é criticado por Nietzsche, mas sim a noção de unidade, quantidade, ou, mais diretamente: *quantum* de força. Tanto no §12 quanto §17 de *Além do bem e do mal*, por exemplo, Nietzsche considera que a crença no atomismo como necessidade lógica de uma unidade material fundamental, é algo já bem refutado, e com rigor intelectual é possível ir além dessa “necessidade” tornando-a obsoleta (Cf. NIETZSCHE, 2005a, p. 18-19; p. 21-22). Segundo, por “força de repulsão” não devemos pensar em uma qualidade reativa, mas em um agir conjunto, em um exercer sua vontade de poder sobre o outro que da mesma forma exerce sua vontade de poder, estabelecendo entre eles uma relação de resistência característica do mando e da obediência.<sup>28</sup>

A palavra “Mesmo”, no início do primeiro fragmento, deixa entrever que a proposição que se segue a ela se aplica tanto ao inorgânico, explícito no texto, quanto ao orgânico, implícito. E o que de fundamental retiramos desse escrito é a qualidade relacional presente até *mesmo* no nível inorgânico, como forças em interação. Com o segundo fragmento, 36 (22), fica explícito a conexão entre os dois domínios analisados pela relação entre forças; de onde se deduz que assim como no domínio orgânico o realmente atuante é a vontade de poder, no inorgânico igualmente.

Por isso, “Nietzsche exprime que a vontade de poder é a *única qualidade* que se deixa encontrar, seja o que for que consideremos” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 83-84). Há uma continuidade entre o orgânico e o inorgânico se pensarmos pelo prisma da vontade de poder. Chega-se inclusive a ser possível afirmar que também no inorgânico há uma certa sensibilidade do eu e do outro. Em um nível primitivo, os minerais também pensam-sentem-querem; há neles um “intelecto”. A “psicologia” da vontade de poder, utilizada acima quando discorriamos sobre entes orgânicos, por analogia, se aplica ao domínio inorgânico.

---

28 Cf., por exemplo, o que Paolo D’Iorio, com quem estamos de acordo, escreve a propósito da interpretação de Deleuze que atribui as qualidades de atividade e reatividade às forças: “O filósofo alemão descreve, sem dúvida, um certo número de fenômenos de ‘reatividade’ (por exemplo, na segunda dissertação da *Genealogia da moral*, parágrafo 11, ele fala de ‘afetos reativos’, *reaktive Affekte*, ‘sentimentos reativos’, *reaktive Gefühlen*, ‘homens reativos’, *reaktive Menschen*) que são, entretanto, o resultado de um conjunto complexo de configurações de centros de força, em si, ativos. Nem a palavra, nem o conceito de centro de ‘forças reativas’, jamais aparecem na filosofia de Nietzsche.” (2006, p. 72).

Será que não bastaria pensar como “energia” [als “Kraft”] uma unidade em que querer sentir e pensar ainda estivessem misturados e inseparados? [...] Em última instância, nada é dado como “real” que não seja pensar e sentir e instintos: não seria permitido verificar se esse dado *é suficiente* para construir o mundo? [...] como algo tão real quanto é exatamente nosso querer sentir pensar — mas como forma primitiva dele. (NIETZSCHE, 2008b, p. 560)<sup>29</sup>.

Nietzsche constrói o mundo tomando o fio condutor do corpo, fazendo dele uma ponte entre o subjetivo e a realidade efetiva. Mas dado o resultado a que ele chega, essa ponte se dissolve sem restar fronteiras entre o homem e o mundo, visto que ambos são vontade de poder. Esta, como uma unidade energética, é entendida em seu agir dinâmico como um amálgama entre querer, sentir e pensar. É o que basta, segundo esse filósofo, para pensar o mundo.

Entre o orgânico e o inorgânico, o orgânico e o orgânico, o inorgânico e o inorgânico; entre um indivíduo e outro, entre indivíduo e sociedade, entre uma nação e outra;<sup>30</sup> — todas essas relações ocorrem segundo o agir da vontade de poder, segundo o efetivar de forças em busca por um algo a mais de poder. Nesse sentido, pode-se tomar todo “acontecimento, todo movimento, todo devir como um estabelecimento de relações de grau e força, como uma luta...” (NIETZSCHE, 2005b, p. 243)<sup>31</sup>. “*Esse mundo é a vontade voltada para o poder, a vontade de poder — e nada mais além disso! E inclusive vós mesmos sois tal vontade de poder — e nada mais!*” (NIETZSCHE, 2008b, p. 529)<sup>32</sup>. Somos o que o mundo é, a parte é assim como o todo, a vontade de poder permeia toda efetividade. Porém, não

29 NF/FP 40 (37) agosto-setembro de 1885.

30 Não é interesse nosso analisar a vontade de poder com suas decorrências no âmbito moral e político, o que por si só possibilitaria um outro trabalho de boa envergadura. No entanto, é interessante notar que o paralelismo conceitual utilizado por Nietzsche com a vontade de poder para pensar o mundo, se estende inclusive à cultura, fazendo desta não algo sobre-humano, transcendente ou apartado da *physis*, mas algo eminentemente humano, portanto, natural. Para um interessante desenvolvimento da relação entre cultura e fisiologia, pensada por meio da teoria da vontade de poder, não como um dualismo, mas como uma continuidade, Cf. FREZZATTI Jr, 2004.

31 NF/FP 9 (91) (65) verão de 1887.

32 NF/FP 38 (12) junho-julho de 1885.

como uma substância incondicionada ou como uma realidade metafísica, mas sim como qualidade última de tudo que existe. Ela não é algo que existe apesar dos entes, ela só existe neles, ela é seu caráter mais fundamental a partir do qual é possível derivar todas as outras qualidades.

O mundo não é um organismo a autogerar-se, o que não impede que ele seja um todo suficiente em si mesmo. Ele é um processo sem termo ou *télos*, forças em interação agonística, constantemente gerando e destruindo no fluxo do devir; vontades de poder com diferentes graus de força em luta, graus que só se estabelecem na luta, luta que é inerente ao deveniente. E não há nada exterior ao devir, assim como não há nada exterior ao mundo. Este, uma totalidade existente por si mesma,

uma imensidade de energia, sem começo, sem fim, uma grandeza firme e férrea de energia, que não se torna maior nem menor, que não se consome mas apenas se transforma, como um todo imutavelmente grande, uma economia doméstica sem despesas nem perdas, mas igualmente sem crescimento, sem adendos (NIETZSCHE, 2008b, p. 528)<sup>33</sup>.

Dentro deste mundo que nem cresce nem diminui, mas apenas muda, que é um e múltiplo ao mesmo tempo, assim como o corpo, há uma parte chamada vida. Esta é uma conformação específica da vontade de poder, conformação em viventes, em entes vivos, em organismos. O vivo é uma configuração e uma variedade peculiar do não vivo — grandezas de forças — e só (NIETZSCHE, 2001, p. 136)<sup>34</sup>. E disso, vale aventar que o que há de perene nessa acepção de mundo não é a vida, mas o próprio cosmos, o qual não é uma unidade originária, mas um complexo de forças manifestando a todo instante, cada uma, seu poder; ou seja, um fluxo incontrolável de forças em relação agonística. A vida individual, com seus contornos característicos, é decorrência de um caráter geral, eterno, mas que não é vida, porém, relação entre forças, entre vontades de poder.

Para finalizar, cabe salientar que Marton aproxima a teoria da vontade de poder da *arché* pré-socrática, ao mesmo tempo em que a distancia da

33 Idem.

34 FW/GC §109.

*entelechéia* aristotélica (1990, p. 57). Concordamos com essa aproximação, desde que a pensemos não pelo viés de um princípio originário incondicionado que fundamenta e produz o mundo aparente, com o que estaria presente um tipo de semântica metafísica que Nietzsche não reconhece a si mesmo, mas apenas como a qualidade presente em cada ente, como o caráter da efetividade, seja aonde for que olhemos.

Portanto, como últimas palavras, leiamos as partes finais do aforismo 36 de *Além do bem e do mal*, que, em forma hipotética, subjuntiva, conclui o que foi tratado aqui:

Em suma, é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhecem “efeitos”, vontade atua sobre vontade — e de que todo acontecer mecânico, na medida em que nele age uma força, é justamente força de vontade, efeito da vontade. — Supondo, finalmente, que se conseguisse explicar toda a nossa vida instintiva como a elaboração e ramificação de uma forma básica da vontade — a vontade de poder, como é *minha tese* —; supondo que se pudesse reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder, e nela se encontrasse também a solução para o problema da geração e nutrição — é um só problema —, então se obteria o direito de definir *toda* força atuante, inequivocamente, como *vontade de poder*. O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu “caráter inteligível” — seria justamente “vontade de poder”, e nada mais. — (p. 40).

## Referências

AYDIN, C. Nietzsche on Reality as Will to Power: Toward an “Organization-Struggle” Model. *Journal of Nietzsche Studies*, Penn State University Press, nº 33, 2007. p. 25-48, primavera. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20717895>>. Acesso: 01/03/2013.

BENCHIMOL, M. *Apolo e Dionísio: arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

D’IORIO, P. O eterno retorno: gênese e interpretação. Trad. Ernani Chaves. *Cadernos Nietzsche* 20, São Paulo, p. 69-114, 2006.

FREZZATTI Jr., W. A. A superação da dualidade cultura/biologia na filosofia de Nietzsche. *Tempo da Ciência*, Cascavel, v. 11, n.22, 2004. p. 115-135, segundo semestre.

HERÁCLITO. Heráclito de Éfeso. In: \_\_\_\_\_. *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 71-136.

MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: brasiliense, 1990.

MÜLLER-LAUTER, W. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 1997.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras [bolso], 2005a.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

\_\_\_\_\_. *Ecce homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras [bolso], 2008a.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos do espólio*: primavera de 1884 a outono de 1885. Trad. Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos finais*. Trad. Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. *Kritische Studienausgabe* [KSA]. 15 vol. Editado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. München: DTV; De Gruyter, 1988.

\_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Col. Os Pensadores. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, seleção de Gérard Lebrun. São Paulo: Nova Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras [Bolso], 2007.

\_\_\_\_\_. *Sabedoria para depois de amanhã*. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.